

O *DEVIR* DA LINGUAGEM EM GUIMARÃES ROSA E MERLEAU-PONTY

Autor (1): José Francisco das Chagas Souza.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) jfcsouza1@hotmail.com

Co-autor (1): Dalila Valquíria de Sousa.

Escola Raízes do Saber davilla1@live.com

Orientador: Ivanaldo de Oliveira Santos Filho.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ivanaldosantos@yahoo.com.br

Introdução

Neste ensaio, veremos como o romancista brasileiro, João Guimarães Rosa (1908-1967) apresenta sua visão sobre a linguagem, e como ela se constitui para além de uma perspectiva do signo linguístico apenas, sendo uma das principais preocupações filosóficas, estética e inovadora do referido autor. A partir da obra *Grande Sertão: Veredas*¹ (1956/2015), questiona-se: como entender a dinâmica do discurso de Riobaldo enquanto *travessia* do sertão linguístico rosiano e experiência vivida a partir da fenomenologia existencial da linguagem de Merleau-Ponty? Busca-se responder a essa questão propondo como objetivo analisar o discurso do narrador-personagem por meio do *devoir* criador da linguagem *trabalhada* produzindo sentidos, ultrapassando para além da palavra dita, e, por sua essência, é viva, fomentando a existência do *homem humano* que se encontra em *travessia existencial*. Autor e narrador fundem-se na permanente construção viva da narrativa, o que demonstra uma riqueza poética e pela musicalidade que a língua propõe. Por metodologia, o texto possui duas partes: a linguagem de *Grande Sertão* e análise mediante o método fenomenológico merleau-pontyano: 1) A *descrição* do mundo vivido 2) buscar as *essências* das coisas e repô-las na *existência*; e 3) o *modo de ser* e de relacionar-se com o mundo e sua capacidade de ação. Como resultados, realizou-se um diálogo entre a literatura de Guimarães Rosa e a fenomenologia de Merleau-Ponty, tendo a linguagem como elo dessa interface. Já as obras basilares do pensador francês das quais faremos uso nesse diálogo, são: *Fenomenologia da Percepção* (1945/2011) e *A Prosa do Mundo* (1969/2012).

¹ Quando fizermos referências às obras dos citados autores no decorrer do texto, usaremos as siglas: GSV (*Grande Sertão: Veredas*), FP (*Fenomenologia da Percepção*), OE (*O Olho e o Espírito*), PM (*A Prosa do Mundo*).

Assim, conclui-se que há confluências que aproximam os autores estudados na perspectiva de uma linguagem viva, promovendo o *homem humano* no sertão-mundo.

Com base nestes teóricos, apresentaremos a linguagem enquanto elemento vivo e criador associada ao movimento existencial do ser. Esta análise da linguagem presente em *Grande Sertão: Veredas*, baseia-se no método da fenomenologia merleau-pontyana a partir da *fala falada* e da *fala falante* como experiência do *ser no mundo*.

Os materiais para o presente estudo foram utilizados a partir de pesquisas bibliográficas nos dois autores, nas obras-bases de Guimarães Rosa: *Grande Sertão: Veredas*, e, da *Fenomenologia da Percepção* e *A Prosa do Mundo*, de Merleau-Ponty.

O problema da linguagem tratada em ambos, teve análise a partir do método da fenomenologia existencialista de Merleau-Ponty.

A linguagem em *Grande Sertão: Veredas* à luz da fenomenologia

A percepção é também o aspecto de relevante destaque na narrativa de Riobaldo no decorrer de toda a obra *Grande Sertão: Veredas*. Sua fala é o próprio relato de sua percepção vivida no sertão. O mundo descrito na obra é o mundo sertanejo que envolve toda a sua vida. O ex-jagunço revive toda a trajetória de sua vida pelo sertão rebuscando em sua memória as lembranças que agora se tornam presentes quando se propõe contá-la a um interlocutor que aporta em sua fazenda, chamado de “senhor”, “doutor”. Defendemos que nessa relação consideramos ser um monólogo-diálogo, já que são muitos os sinais em que esse interessado interlocutor reage às muitas expressões dirigidas a ele. É monólogo quando identificamos um narrador contar a experiência vivida como jagunço em andanças pelas plagas do sertão brasileiro. De antemão, notamos um interlocutor que somente ouve e não se expressa em palavras. Por outro lado, porém, admitimos nesse interlocutor o próprio autor Guimarães Rosa, como aquele que busca compreender vivenciando com os habitantes dessa *travessia* sertaneja toda uma cultura que este procura perceber. Ao narrar sua saga sertaneja, Riobaldo encontra-se, pois, imbrincado com o sertão. Há de se levar em conta também que autor e interlocutor findam sendo um só.

O cenário desse mundo é o próprio sertão, que, além da paisagem e espaço, é o lugar dos sentimentos vívidos e por ele lembrados, assim como estado metafísico em que estão juntos narrador-personagem, autor e interlocutor-pesquisador. São sentimentos como amor, ódio, guerras, poder, dúvidas, conflitos antagônicos, crença e descrença, Deus e o Diabo e a linguagem, como a que vem produzir a compreensão do mundo e de si mesmo. Este é o espelho do andante pelas sendas do sertão que está em

busca da forma como vivem as pessoas, sua cultura, sua linguagem. Enquanto Riobaldo descreve suas memórias a partir de sua percepção vivida, aquele que ouve está querendo captar mais dessa vida aventureira, escuta com atenção, concorda, anota, assim como faz todo pesquisador. Essa convivência uníssona é o que proporciona o produto-obra de *Grande Sertão: Veredas*. Se, por um lado, o interlocutor demonstra silêncio de palavras, sua voz encontra-se na boca do próprio Guimarães Rosa como autor. Com Merleau-Ponty, é possível afirmar que existe um movimento de reversibilidade presente na narrativa entre autor, narrador-personagem e leitor.

Nesse mundo sertanejo, entendemos ser a linguagem o elemento que produz o existir humano construído através das falas presentes na obra. Ela é o eixo que atravessa e dinamiza a existência humana e das coisas. Aplicaremos o termo *travessia* ao próprio movimento vivo da linguagem, que possui um *dever* a perpassar a existência humana.

Guimarães Rosa resgata no sertão todas essas falas e, através de Riobaldo, ele declara: “Aprendi dos antigos” – fala (GSV, 2015, p. 319). Ou seja, além de permitir que outras vozes tenham espaço privilegiado na trama, o autor busca não esquecer as raízes de nossa língua. Dá vida à língua, demonstrando que a linguagem é ela mesma presença viva que não pode estar fora dessa experiência, e portanto, chamar a atenção do interlocutor no ato da exposição. É uma interlocução, um chamamento para maior atenção ao discurso proferido ou à fala que virá em seguida. Mesmo assim, é uma percepção aguçada que está em curso.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah! Uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre (GSV, 2015, p. 31).

O narrador-personagem Riobaldo chama a atenção de seu interlocutor para esse aspecto do ser humano, sua existência é uma elaboração permanente. Todos os dias precisamos estar cientes de nosso dever e buscar nos reinventar a cada instante.

Durante o discurso, é marca o uso trabalhado nas palavras partindo de seu radical – *menosmente, simplesmente, não obstante, amormente...* ou a fala a partir de sons produzidos para referendar algo.

Verbos em tempos diferentes, repetidos: “ia, indo, fui ficando”, que além do arranjo poético dado na construção do discurso, admite uma

temporalidade não linear nem fixada num espaço somente. Constatase o forte apelo à inovação e todas essas formas utilizadas de linguagem estão presentes a fim de demonstrar o quanto rica é a obra.

A partir da existência do *ser* – Riobaldo o faz ser produzido por sua linguagem elaborada por sua memória perceptiva no *dever* que o leva a atravessar o sertão em seu discurso. Portanto, Riobaldo realiza a *travessia fenomenológica*: da linguagem/discurso, da existência, da oralidade à escrita, da crença à descrença, de Deus ao Diabo e ao Humano. Por isso, a *Fenomenologia* – *fenômeno* + *lógos*, como aquilo que *se mostra*, como “*retorno às coisas mesmas*”, é o pré-reflexivo, o originário. Assim, a busca da fenomenologia é fugir dos preconceitos, prejuízos do conhecimento tradicional e fechado, de uma linguagem considerada morta e que Guimarães Rosa procura resgatar em suas obras, desenvolvendo uma dinâmica do ser da própria língua, trabalhada e viva.

O Discurso *descreve* (ato fenomenológico) o autoconhecimento, a si próprio – “O sertão dentro da gente”, afirma sempre Guimarães Rosa. Já em Merleau-Ponty, *o homem é um projeto*, encontra-se unido ao *mundo vivido* onde este vai se construindo. Seu discurso narra: Lutas, guerras, estórias, amores, personagens, leis do sertão; - Relato da *condição humana* = *ser-tão* – “Viver é muito perigoso”; - Aquilo que *percebe*, a experiência vivida: o sertão, ele/outros, a paisagem, o tempo não linear, imaginário, *fala falada/falante* e existência. Elementos bem peculiares aos dois autores aqui estudados.

No caso do pensador francês, o fato de pensar duas linguagens, que se complementem no seu objetivo, que é linguagem no seu todo.

Digamos que haja duas linguagens: a linguagem de depois, a que é adquirida e que desaparece diante do sentido do qual se tornou portadora, e a que se faz no momento da expressão, que vai justamente fazer-me passar dos signos ao sentido – a linguagem falada e a linguagem falante (PM, 2012, p. 39).

As duas formas, que findam se entrelaçando, constituem o sentido real da linguagem. Elas percorrem desse signo ao sentido num movimento estético e criador como escrita. Essa escrita é feita do vocabulário comum, conhecido de todos que constituem a linguagem falada, que se junta a uma linguagem em *dever*, que é a falante, atingindo seu objetivo, que é o sentido. Assim, Merleau-Ponty defende que a linguagem é a própria existência e se faz por seu movimento constante, permitindo que esta seja inovadora. Por sua forma fenomenológica, a linguagem, é portanto, ato criador e completa por se

anteceder mesmo ao não dito ainda, estar no *entremeio*, do diálogo ou do silêncio. Até mesmo no caso da escrita, as palavras não estancam nelas, mas, perpassam a intenção do escritor e de seu texto estando para além deste.

Já em *Grande Sertão*, o narrador-personagem Riobaldo se mostra como um porta-voz que faz aparecer o Retrato do Brasil – fala do povo simples/erudito/criador, conforme defende Bolle (2004), bem como dos donos do poder. A fala não é somente de um personagem, mas de microssociedades, uma *rede de falas*: não procura falar sobre o povo, mas faz com que o povo se autorrepresente através de suas próprias falas.

Há um *projeto poético* na linguagem de Guimarães Rosa, assim como já evidenciamos em Merleau-Ponty. Em Guimarães Rosa, identifica-se o jogo com as palavras prosaica, vai além das falas do sertão mineiro, recria a própria língua portuguesa. Ritmo, aliterações, metáforas, imagens = prosa poética. Em *Grande Sertão: Veredas* não é diferente, sendo fácil constatar no desenvolvimento da obra quando da narrativa de Riobaldo e das demais falas ali presentes. Nas várias cenas, mistura-se a estética do enredo, no discurso, na poesia, na prosa que a toda hora perpassa a narrativa, pois não é uma fala sobre o povo, mas o povo se autorrepresenta em suas próprias falas.

Nesse contexto, podemos mencionar uma recriação *estética*: enquanto é exercida, como ato fenomenológico, a linguagem vai tomando suas formas e contornos que lhe tornam repleta de sentidos através de seus ritmos, melodia, construções de poesia e de prosa, envolvida em artes; além da beleza, ela possui uma estética que a faz viva. A poesia da linguagem permite que ela seja inerente a uma arte da palavra, assim como a pintura comunica na percepção e no silêncio uma linguagem poética e verdadeira porque é do sertão. Já a forma prosaica também se enquadra nessa dimensão de uma linguagem que ultrapassa a compreensão, como expressão natural do jeito como se apresenta, sem a rigidez de uma metrificação intencional. A prosa está mais liberada de ritmos regulares para se alinhar como discurso direto, absorvendo o que se apresenta no cotidiano. Como linguagem denotativa/conotativa, ela é mais abrangente no sentido de fazer com que a comunicação possa existir de maneira clara. Desse modo, nessa elaboração estética, podemos afirmar que a linguagem, especialmente em se tratando dos dois pensadores, é uma *prosa poética*. Ao mesmo tempo, esta busca ultrapassar o que está escrito, o contemplar a pintura e a linguagem dessa experiência vivida, o ritmo sonoro das palavras presentes na obra GSV, na qual é possível misturar poesia e prosa, imagens e recriações de palavras e seus significados, bem

como os diversos retratos nos quais desenhamos a comunicação e a beleza da língua.

Para Guimarães Rosa, “a linguagem e a vida são uma coisa só” (LORENZ, 1973, p. 339). Mais uma vez, os dois autores aqui confrontados dão a prova de que pensam da mesma maneira sobre a linguagem. Merleau-Ponty, em sua concepção de linguagem, buscou desvinculá-la de uma visão estática e fora da realidade vivida pelos humanos, por isso, a compreensão é também fomentada pela linguística atual, em que as essências das línguas e da linguagem “[...] simplesmente elas devem ser concebidas numa dimensão que não é mais a do conceito ou da essência, mas da existência” (PM, 2012, p. 81-82). Nesse sentido, os dois autores se encontram numa mesma perspectiva quando apontam a linguagem como sendo a própria vida, ou seja, em direção a essa dimensão do ser movente da existência. É essa linguagem que define o existir humano, pois “homem meditando sobre a palavra ele se descobre a si mesmo” (LORENZ, 1973, p. 340). Está entranhado em si, por isso Guimarães escreve: “Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão” (LORENZ, 1973, p. 342). Já não há nem homem, nem linguagem, nem mundo que esteja separado dessa realidade.

O fenomenólogo francês ao descrever o fenômeno da fala, aponta uma superação da dicotomia entre sujeito e objeto. A concepção clássica fomentou sempre a dicotomia em que se pôs a linguagem como forma mecânica onde o pensamento e palavra se encontrariam em órbitas estanques. Daí, Merleau-Ponty (2011) afirmar:

A posse da linguagem é compreendida em primeiro lugar como a simples existência efetiva de “imagens verbais”, quer dizer, de traços deixados em nós pelas palavras pronunciadas e ouvidas. Quer esses traços sejam corporais, quer eles se depositem em um “psiquismo inconsciente”, isso não importa muito e, nos dois casos, a concepção da linguagem coincide em que não há “sujeito falante”. (FP, 2011, p. 237)

Eis aqui o que Merleau-Ponty diz a respeito da concepção da linguagem vista pela tradição e como ele demonstra o caminho que supera esta separação que não condiz com o real sentido da elaboração e construção da linguagem.

A linguagem poderá vir e se fazer como coisa viva e movente capaz de produzir no ato próprio da fala, o discurso sempre acompanhado do discurso do *outro*, mesmo que este por um momento seja apenas ouvinte. Porém, o *outro* sempre constituirá objeto da linguagem que se comunica sem barreiras e vai se fazendo no diálogo. É sempre importante entender que a linguagem para Merleau-Ponty é algo vivo, presente no

entremeio em que a subjetividade é um exercício de alteridade em que não existe um e depois o *outro*. Há um imbrincamento no ato próprio do diálogo que torna impossível se pensar numa dicotomia entre sujeito de um lado e o outro como objeto. Para que a fala produza a comunicação com o outro, é preciso que haja um vocabulário já conhecido por ambos. Este terreno comum existente entre os seres, passa a ter o efeito pretendido quando as palavras postas são conhecidas por e pelo outro, daí, Merleau-Ponty (2011, p. 249) diz:

A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe “já sejam conhecidos” por mim.

A linguagem se faz a partir do sujeito encarnado, isto a torna viva situando-a num mundo concreto, que ele denomina de *mundo vivido*, onde encontra-se este sujeito histórico, cultural em que seja possível existir a verdadeira linguagem.

Considerações finais

Esperamos ter apresentado a questão da linguagem em Guimarães Rosa e Merleau-Ponty através do apelo que ambos suscitaram ao longo de suas trajetórias das ideias e da militância empreendida ao tema. Vimos o quanto eles entenderam o valor da linguagem que está intimamente unida à existência do *ser no mundo*.

Dado o exposto, nossa conclusão é apenas uma pausa no intuito de uma retomada ao seguir o fiel espírito da linguagem e da fenomenologia, abre-se, pois, a um infinito de possibilidades e continuamos na *travessia*. Nesse sentido é que este texto não é um princípio para conhecimento no assunto exposto, ao mesmo tempo, não é o fim onde as cortinas fecham o ato. Para pensar como Rosa, nem “saída”, nem “chegada”, é no *entremeio* da nossa existência que se cabe é na *travessia* da linguagem em seu *dever* que vai nos elaborando cotidianamente.

O elo que os une é a linguagem viva, movente e operante que vai se elaborando na medida mesma em que se dialoga. Assim há uma linguagem no discurso de Riobaldo e de outros personagens em *Grande Sertão: Veredas*. No enredo, encontramos a poesia, estética de uma linguagem *trabalhada*, carregada de sonoridade.

Tudo isso, tendo na *percepção* do ser (Riobaldo) – o *mundo vivido* do *ser-tão* – *dever* da linguagem numa *travessia fenomenológica*. E as

travessias de Grande Sertão: Veredas são muitas: os rios, o liso, o sertão. Ainda, a narrativa oral (Riobaldo) para escrita (Senhor). E em Merleau-Ponty, esta *travessia* se faz da *fala falada* para a *fala falante*, como devir de uma linguagem que vai das *Veredas do Grande Sertão*, do falar regional a uma dimensão da língua universal.

Referências

BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. In: **O sertão como forma de pensamento**. Revista Scripta. Belo Horizonte; vol. 2, n. 3, 1998, [p. 259-271].

_____. Representação do povo e Invenção de linguagem em *Grande Sertão: Veredas*. O sertão como forma de pensamento. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 352-366, jan.-jun. 2002.

_____. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. [480p]. (Col. Espírito Crítico).

CÂNDIDO, Antonio. **Grande Sertão: Veredas: Antonio Cândido sobre Guimarães Rosa**. 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CARMO, P. S. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000. [159p].

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Trad.: Maria José J. G. de Almeida. 2ª edição. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. (Col. Quid). [163p].

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção Vocabulário dos Filósofos). [80p].

FRANCISCO, Liamar. **Fala falada e Fala falante em Merleau-Ponty**. In. *Filosofia Francesa Contemporânea*. CARVALHO, Marcelo, SOLIS, Dirce Eleonora Nigro & CARRASCO, Alexandre de Oliveira Tomás (Orgs.). São Paulo: ANPOF, 2015. (Col. XVI Encontro ANPOF). [p. 247-250].

LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: EPU, 1973.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. [662 p]. (Biblioteca Pensamento Moderno).

_____. **A Prosa do Mundo**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2012. [250p].

_____. **O Olho e o Espírito**. Trad.: Paulo Neves & Maria Ernantina. São Paulo: Cosacnaif, 2013. [187p].

MARTINS, Nilce Sant'Ana. **O léxico em Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2016. [568p].

OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitã de. (Org.). **Merleau-Ponty em João Pessoa**. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa, 2012.



PASTA JR, José Antonio. O romance de rosa, temas de Grande Sertão e do Brasil. (1999). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/54548192/PASTA-Jose-Antonio-O-romance-de-rosa>. Acesso em: 24 de novembro de 2017 às 11h47min.

REVISTA SCRIPTA. **II Seminário Internacional Guimarães Rosa – Rotas e roteiros**, v. 5, n. 10, 476p., 2002.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 492p.

_____. **Sagarana**. São Paulo: Nova Fronteira, 2015a.

KREUTZ, Odilo. **Riobaldo, um herói problemático: a travessia para o ser**. Letras de hoje, v. 36, nº 1, mar. 2001. Porto Alegre. [p. 37-57].

SILVA, Ursula Rosa da. **A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. (Col. Filosofia; 19). [94p].

SANTOS, I. & SOUZA, J. F. C. Travessia fenomenológica da linguagem em Guimarães Rosa e Merleau-Ponty. In: Filosofia e Ciências Humanas: teorias e problemas. SANTOS, Ivaldo (Org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. [p. 241-265]. Série Filosofia e Interdisciplinaridade – 86.

SCHWARZ, Roberto. Grande sertão: a Fala. A sereia e o desconfiado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOUZA, J. F. C. & SANTOS, Ivaldo. A linguagem do silêncio e da fala como expressões do corpo em Merleau-Ponty. **Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia**. Caicó, ano VIII, n. 1, [p. 109-118]. Jan-jun. 2015. ISSN 1984-5561.

WARD, Teresinha Souto. **O discurso oral em Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Duas Cidades, 1984.

